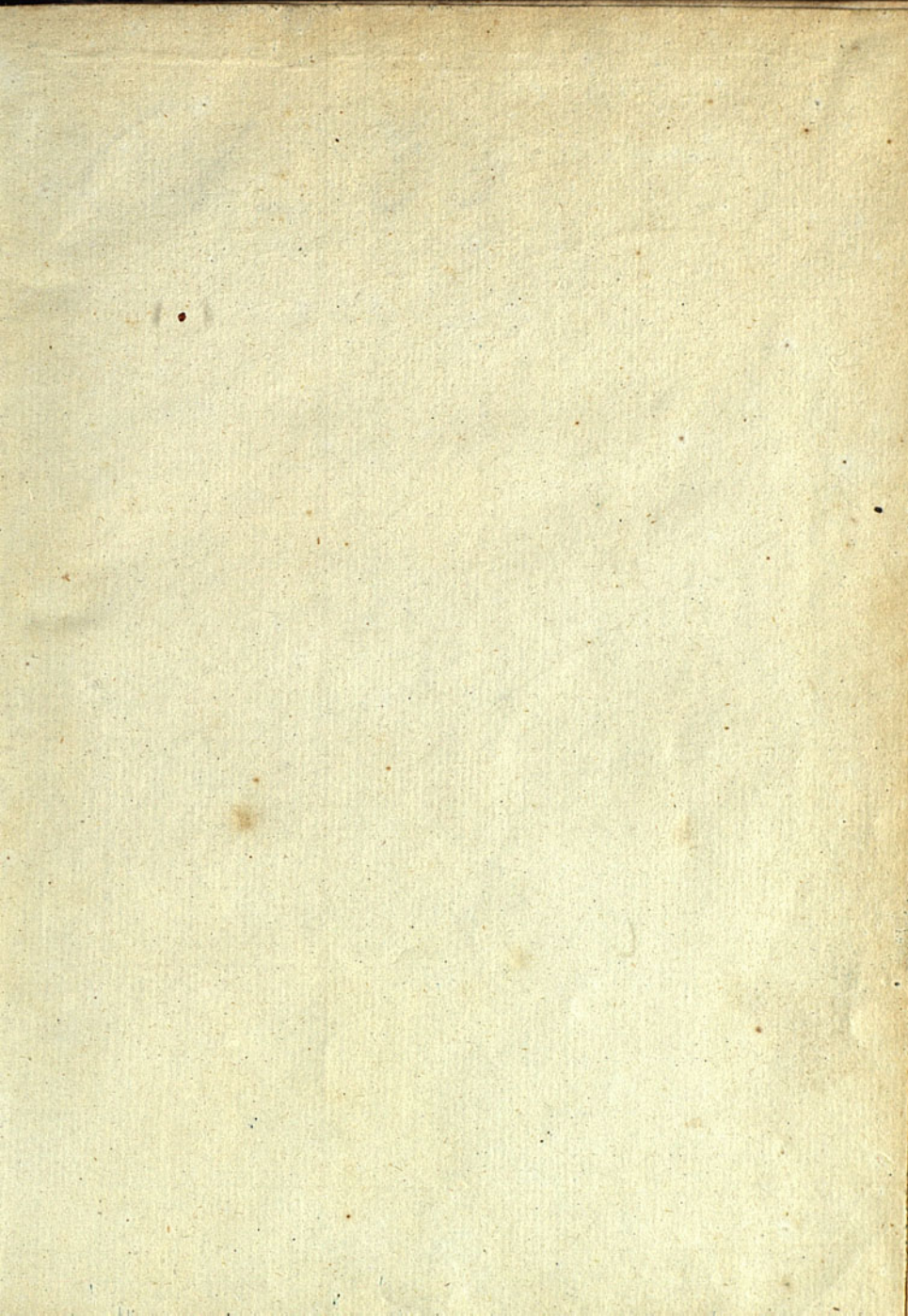
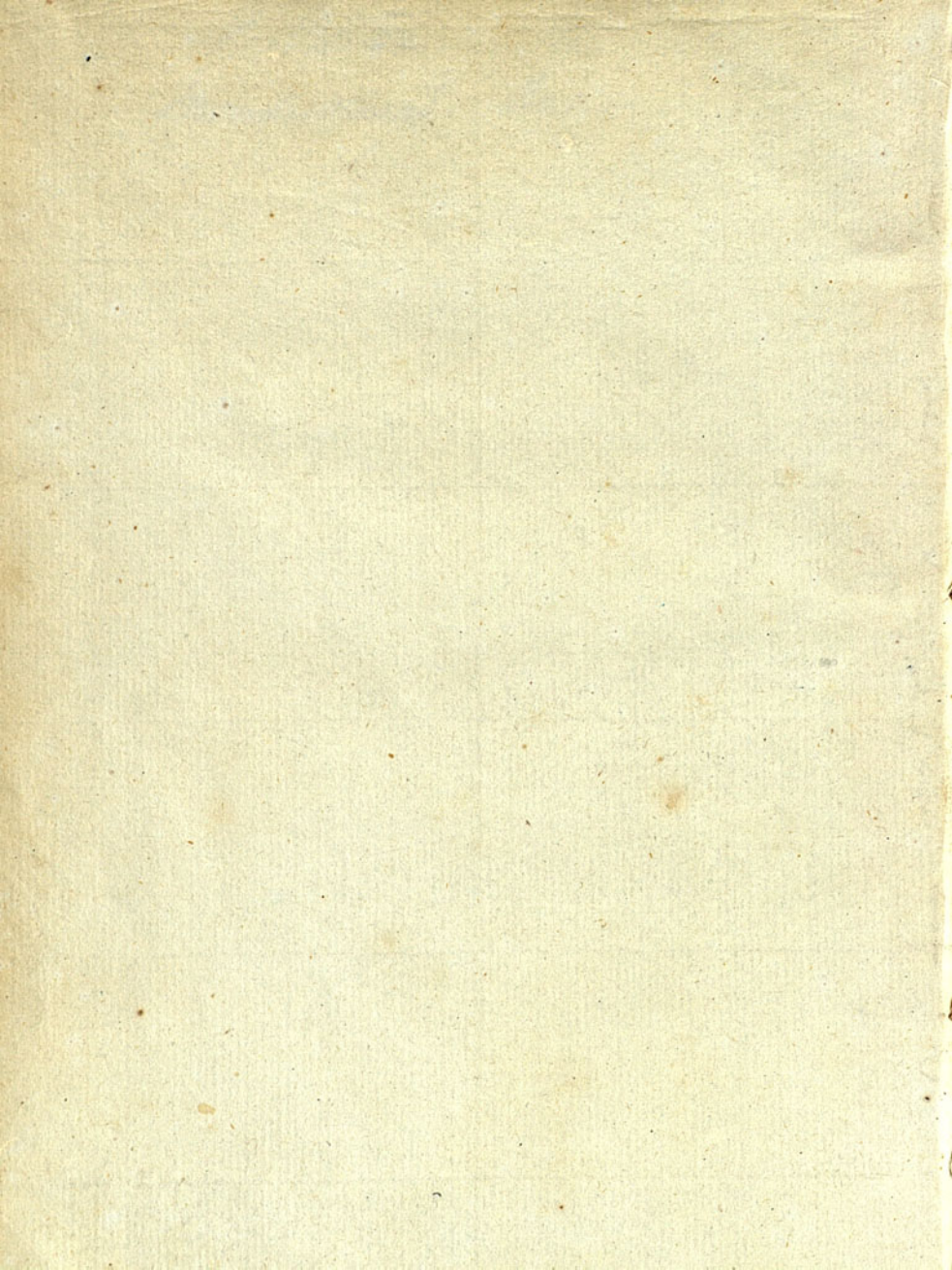


J. Weston
Mendocino Co. ... 200 ~
/





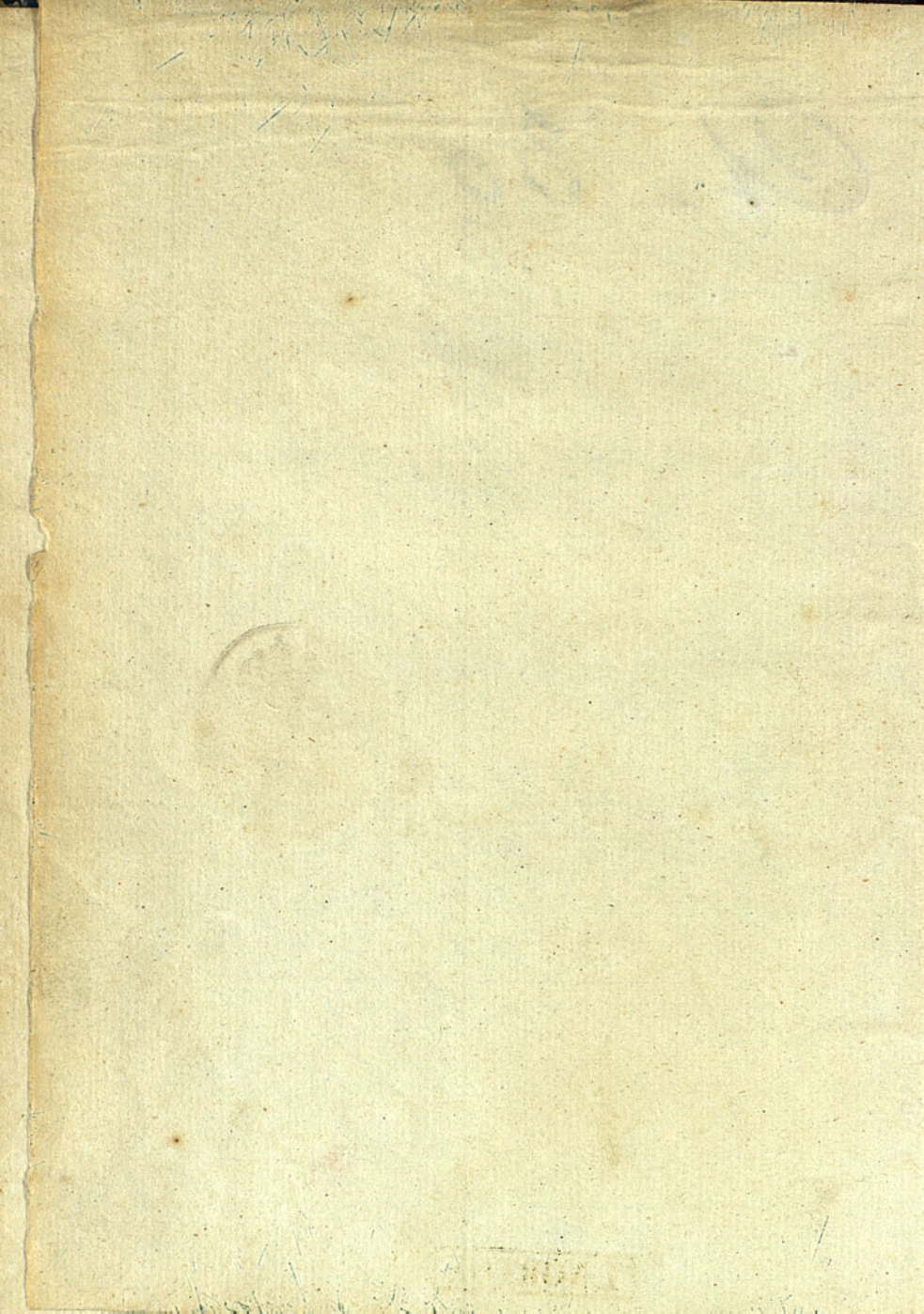
Q 30

4

72

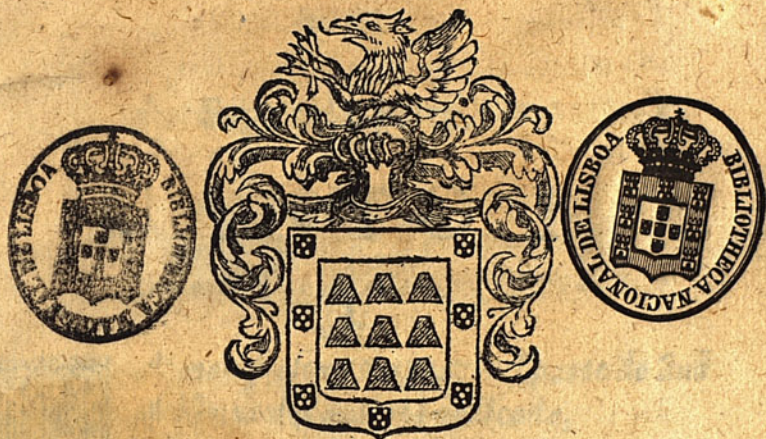
1

5



Ô B R A
DO GRANDE LVIS
DE CAMOËS, PRIN-
CIPE DA POESIA
HEROYCA.

*Da criação, & composição do Ho-
mem.*



Com as Licenças necessarias.

Em Lisboa, por Pedro Crasbeeck.

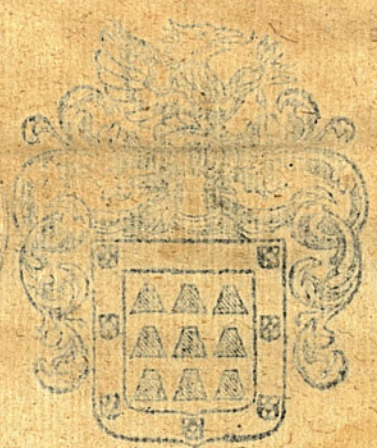
ANNO 1615.

T. NORTON.

Ó B R A

O GRANDE LIVRO
DE CAMÕES, PRIN-
CIPAL DA POESIA
HEROICA

Da criação, & composição do Ho-
me



Com as Licenças necessarias

Em Lisboa, por Pedro Crasbeck.

ANNO 1612

TORONTO

OBRA DE LVIS DE
CAMOËS, PRINCIPE
DA POESIA HE-
ROYCA.

Da criação, & composição do Ho-
mem.

Segunda parte.

CANTO I.

I.

NA mais fresca, & apraziuel parte do ão
A Venus dos antigos dedicada,
Venus amor de Marte, & de Vulcano
Fermosa estrella do mar, & terra amada:
Por cujo influxo amigo, brando, & humano,
Se mostra a Primavera namorada,
Guiando a destra mão da natureza,
O sumo Creator da redondeza.

A.

Quando

Canto I. Da criação do homem.

2.

Quando a liberal terra guarnecida
Com a humanidade do Ceo, & temperança,
De verde, & vario esmalte reuestida
Mostra dos doces fructos a esperança:
En toda a planta, & aruore florida,
Com coroa, & odorifera abundança,
Então parece mais fermosa, & bella,
Com o rigor brando da amorosa estrella.

3.

Quando em sua liberdade as vagas aues,
Com ledo canto o ar sereno enchendo,
As manhaãs graciosas mais suaues,
E apraziueis do fresco Abril fazendo:
Conuidão a doce somno os corpos graues,
Em leues somnos vão os entretendo,
Ajuda o rouco tom da clara fonte,
Que ao verde prado desce do alto monte.

4.

Em hũa manhaã destas prompto, & esperto,
Me detinha hum profundo, & graõ cuydado
Da estranha prouidencia, & alto concepto
Do Creador de tudo o que he creado:
Como depois de dar numero certo,
E ordem ao mundo spherico formado,
Formou logo com seu saber profundo,
De alto artificio outro pequeno mundo:

Que

5.

Que assi como fez só pola virtude
 Da sua alta palaura lá de cima,
 E não do fingido chaos disforme, & rude,
 Nem da varia, & de vã materia prima,
 Com certa ordem, & tal que não se mude
 Os Ceos de gram vigor, virtude, & estima,
 E os Elementos varios corruptiuos,
 Em suas qualidades compassiuos.

6.

E assi como delles num momento
 Formou diuersos corpos de mistura,
 Varios na creaçam, & nascimento,
 No ser, & na composiçam, & na figura:
 Aas aues dando o ar por quasi assento,
 Aos peixes agua, aos brutos a terra dura,
 E das quatro compostas qualidades,
 Tantas fez de animaes diuersidades.

7.

Como depois de tudo vltimamente,
 Num lugar deleitoso, fresco, ameno,
 Quis formar, & crear distinctamente,
 Deste gram mundo estoutro mais pequeno,
 Tambem em tudo nas partes diferente,
 Numa dellas caduco, vão, terreno,
 Noutra immortal spirito, alto, & diuino,
 De razam, & do Ceo capaz, & digno.

Cresçam
 do homê.

Canto I. Da creação do homem.

8.

O Sol. *Que como no Ceo quarto o illustre Pharo,
Aquelle olho do mundo luminoso,
De toda a luz visível fonte, & emparo:
Corre como Gigante, & alegre esposo,
Assi o entendimento outro Sol claro,
Anda de bũa parte a outra presuroso,
Lustra na parte delle mais superna,
Discorre com sua luz tudo governa.*

9.

*E quis que os animaes inferiores,
Seu appetite só brutal tomando,
Da terra baixa, & vil habitadores:
Sò õs pastos attendaõ, & vãõ buscando,
E que os homẽs seus superiores,
Aa razão seus sentidos vãõ mandando,
Razão que diffirir os faz da fera,
Que de spiritual em bruto degenera,*

10.

*Porque em que o fez de mais baixo elemento,
Deulhe mil perfeiçoẽs em abundança,
Deulhe alma rational, entendimento:
E felo em fim à sua semelhança,
De todo outro animal de baixo assento,
Lbe deu o senborio, & governança,
Tudo lbe sogeitou debaixo os pés,
Deixandoo só sogeito a quem o fez:*

Omnia
subjecisti
sub. ped.

Como

II.

Como este breue mundo homem chamado,
 Preuariando nesta obediencia,
 Do Parayso foy por Deus lançado:
 Perdendo o bom estado da innocencia,
 Mas da bondade immensa acompanhado,
 De seu peccado fez saã penitencia,
 Conhecendo bem o estado que perdera,
 E quaõ differente fora do que era.

Peccado
 de Adam.

12.

E fazendo se homem Deus omnipotente,
 Immortal, infinito, & sem medida.
 Amando o homem asi taõ altamente:
 Que a sua vida deu por darlhe vida,
 Humilde em fim mortal, pobre, paciente,
 Sofreo pregado ser na Cruz erguida,
 Com mil dóres, tromentos, & deshonras,
 Por dar confugio ao homem eternas honras!

Et homo
 factus est.

Mortuus;
 & sepul-
 tus est.

13.

Mas dentre os mortos logo resurgindo,
 Com glorioso corpo triumphante,
 E ao Imperio dos Sanctos seus sabindo:
 Na vnião da Igreja militante,
 Deixa o homem com seu sangue remido,
 De suaueis remedios abundante,
 Com que vencendo sempre com victoria,
 Pode se entrar na pura, & eterna Gloria!

Et resurre-
 xit.

Canto I. Da creação do homem.

14.

Nesta imaginação assi passando
Estava eu a manhaã de hum fresco dia,
Quandome em hum liquor humido banhando,
O lento somno já me adormecia:
E da quillo que estava imaginando,
As species tomando a phantasia,
Sonhava hum sonho asaz estranho, & doce,
Dado que verdadeiro, & certo fosse.

15.

Porque, quanto os sentidos interiores,
En sua figura assi me apresentauam,
Me parecia ser que os exteriores
Em tudo claramente alli o tractauam,
Cousas maravilhosas, & mayores,
Que o humano entendimento me mostrauam,
Como aqui mostrarei se copia tanta,
Me conceder cantando a Musa sancta.

16.

Causado
somno. Já todos meus spiritos sensitivos,
Dos humidos vapores congelados
No frio cerebro donde estauão viuos,
Parecião de todo sepultados,
Impedindome as obras aos catiuos
Membros que todos mos tinha já postrados
O somno vindo da cymeria coua,
Por me mostrar visão tam doce, & noua.

Quando

17.

Quando de hum alto spirito poderoso,
 Arrebatado ser me parecia,
 Eleuado a hum grande campo, & espaçoso,
 Onde o seu corno a copia diffundia,
 Porque era fresco, verde, deleitoso,
 De fruto, & flores cheo, & de alegria,
 E assi o Ceo benigno o temperaua,
 Que hum perpetuo Veraõ sempre mostraua.

Parayso
Terreal.

18.

Quatro Rios fermosos, & caudaes,
 Regaõ a este campo tam florido
 De aruores, ervaes, plantas, & animaes,
 De toda specie ornado, & bastido:
 Pastaua o manso gado sem curraes,
 Do Lobo, ou do Leão pouco timido,
 Viaõse aqui as feras de mayor braueza,
 Com mansidaõ, & com domestiqueza.

Tygris, &
Eufratres,
Ganges,
Nylus.

Singileza.

19.

Em tamanha abundancia, & variedade,
 De indiuiduos em perfeiçam creados,
 Tudo era paz, amor, tranquillidade,
 Hüs não sendo de outros agrauados,
 Em conseruação util, & amizade
 Syncera, & pura todos conformados,
 Na terra, agua, ar, bruto, peixe, aue,
 Timbaõ vida pacifica, & suaua.

Canto I. Da criação do homem.

20.

Por este fresco, & bom jardim do mundo,
A vista derramando alegremente,
Hum edificio vi nobre, & jocundo:
De alta composição, & obra excellente,
E tal architectura que segundo
O que se via de fora, & mais presente,
O de dentro seria mais perfeito,
E muyto mais pera quem fora feito.

21.

Mostrava ser no sitio, & bom assento:
Inexpugnauel, claro, alto, & puro,
Com justa proporção, arte, & ornamento:
Cercado de lustroso, & forte muro,
Parecia com todo o prouimento,
Por dentro, & fora estar firme, & seguro,
E tudo vi, porque a vista se estendia,
Em objecto competente que a seruia.

22.

Leuantarse ao modo de hum Castello:
Sobre este campo casi senhor nelle,
Do qual vi que outro mais fermoso, & bello:
Parecia nascer das costas delle,
E por poder milhor notalo, & vello,
Querendome entao chegar para elle,
Muy prestes não sey como parecião,
Que no chaõ subitamente ambos cabião.

Peccauit
Adam.

Dest

23.

Desta infelice queda, & triste sorte,
 E subita mudança a mim me vinha,
 Hum sentimento intrinseco, & tão forte:
 Como que neste mal graõ parte tinha,
 Cria que me causava a mesma morte,
 Esta desaventura tanto vinha,
 E com grande pesar que me cercava,
 O fresco campo em lagrimas banhava.

24.

Entaõ mais miseravel, dura, & estranha,
 Me pareceo a noua fortaleza,
 Daquella quando ao perto a vi tamanha:
 Tãõ bem feita com tanta arte, & destreza,
 E logo que por grande engano, & manha,
 E por traição mais que por natureza,
 Caira este edificio hũa tal ruina,
 Que ergelo só podia a mão Diuina.

25.

Este assento já tãõ verde, & ameno,
 Com pranto, & dór de tudo já eu deixando,
 Já me não parecendo o ar sereno:
 Mas triste, escuro, & grauemente aspirando,
 Quando não teràs tu quinhão pequeno
 Nesta perda tãõ grande (ouvi bradando,)
 Que o mal que a todos toca geralmente,
 Insensivel he quem o não sente.

E verás

Canto I. Da criação do homem.

25.

Omnia
Inuauiter
disposuif-
ti Domi-
ne.

E verás que o diuino entendimento,
Tem de longe o remedio aprecebido,
Que tudo vem de seu supremo assento,
Suauemente tudo tem prouido:
E apos o erro o arrependimento,
He ter o mal em parte soccorrido,
E o bem sem galardão, & o mal sem pena,
Não deixa ao fim do bem quem tudo ordena.

26.

O Castello que viste em gloria tanta,
Que com prosperidade, & gram potencia,
Senboreaua tanta terra quanta
Ver não podes: a suma prouidencia,
Ordenou, & dispos com ordem sancta,
Que esteuessse á sua obediencia,
E della em qualquer tempo se saindo,
Perdessa o que esteuessse possuindo.

27.

Que o Senhor a quem tem dado a menagem
Deſte Castello Alcaydes mōres,
Felos com grande amor á sua imagem,
De perfeiçõs detados, & primores,
Por comerem o fructo de hũa pomagem
Vedada, fiquando elles transgressores,
E offendendo o Senhor pagáram o erro,
Com penas, & trabalho, & em deſterro.

29.

Mas porque vejas que ama piedade
 Mais que o rigor, este Senhor que digo,
 Como quem he toda suma bondade,
 Não quis ao fim chegar neste castigo:
 Porque elle mesmo intenta aduersidade,
 Soccorrendo ao vasalo como amigo,
 O remedio lbe deu que não podera,
 Outrem alguém dar lho tal, se elle não dera:

30.

Consolate, que a bom Senhor seruímos,
 Que sempre quis, & quer que o homem viua,
 O bem do sumo bem vir sempre vimos
 Da sua perfeição, & gloria altina:
 O mal a quem o passa tribuimos,
 E de sua mesma culpa se derina,
 E já tem por não ser o homem desfeito,
 Por elle o Senhor delle satisfeito.

31.

Olha o nouo edificio reformado,
 Capaz de outra eterna gloria,
 Que aquella em que o viste situado,
 Que em fim pois teue fim foy transitoria:
 Mil vezes soccorrido, & visitado
 Pelo Senhor que lbe alcançou victoria
 Do mau que com enganos conquistando
 Se andaua em sua penna vaõgloriando,

Lucifer.

Foy

Canto I. Da criação do homem.

32.

Foy este em noſſa hyerarchia,
Dos principaes mas enſoberbecendo,
Trocaua gloria em penna, em noyte o dia
E em ſeu mao zello não permanecendo,
Com iſto a eſte edificio combatia,
Atè que enganofamente o foy vencendo,
Fuge a ſoberba, ſegue a humildade,
Com firme fè, eſperança, & charidade.

33.

Então como eu já clarò viſſe,
Ser eſte o ſpirito bom que me guiara,
O creatura Angelica lhe diſſe:
Se tua luz me não acompanhara
Em tanta eſcuridade que não cabiſſe,
Nenhũa humana industria me liurara,
Pois para ver agora eſta tamanha
Obra, & maravilhosa, me acompanha.

34.

As bellas moſtras vejo, & boa figura,
Da fortaleza que antes vi fermosa,
Mas quero notar bem ſua poſtura,
Seu fundamento, & traça artiſcioſa:
E ſpecular por dentro obra tão pura,
Tão polida, excellente, & ſumptuoſa,
E moſtra ſendo a obra em tanto eſtremo,
Ser della o Architector, alto, & ſupremo.

Anjo da
guarda.

E como

35.

E como vires tudo, porque estejas
 Mais prompto no que vires, & notares:
 Me respondeo o spirito pois desejas
 Ver deste assento as mais particulares
 Peças: conuem sem ninguem aqui te vejas,
 Mas sem mim se em parte algũa andares,
 Tornarmeàs a ver depois que o correrès
 Por dentro, & fora, se o entender quiseres.

36.

Isto disse, & de mim já se apartaua,
 Deixandome entre confusão, & medo,
 Mas como sobre tudo me apertaua,
 Desejo de saber este segredo:
 Do Castello que se me apresentaua,
 Com quanto me pezou irse tão cedo,
 O bom spirito que me ali guiara,
 Moui o paço a ver cousa tão rara.

37.

E como já me achasse mais ad perto,
 E do que vísse me certificasse:
 Marauilhoume o sitio, arte, & concerto
 Deste forte, & que assi se reformasse:
 Estaua posto em buim graõ campo aberto,
 Como que dali tudo seuboreasse,
 Alto, grande, & fermoso, era em tal modo,
 Que em duas columnas sobriestaua todo.

As pernas

Mais

38.

Mais que d' aluo alabastro, & obra prima,
 Eraõ lisas, pollidas, torneadas:
 De sotil artificio, & grande estima,
 Sobre dous pedrestais bem assentadas,
 E os dous pedrestais quando se mouião,
 Todo o pezo comfiguo em si trazião.

Os pés.

39.

E era tudo tão primo, & tão perfeito,
 Que alegremente a vista descansaua,
 No alto, baixo, largo, & mais estreito,
 Proporção ordenada se mostraua:
 No chapitel tinha hum dourado teito,
 Que a todo este edificio mais ornaua,
 Do qual hũs rayos de ouro dependião,
 Que ao longe mais que o Sol resplandecião.

Cabellos
da cabeça

40.

Nunca acabara asaz de obra tão clara
 Specular o engenho, arte, & bondade,
 Se a vista entã dali me não cegara
 Minha importuna, & vã curiosidade:
 Porque senti que entã se começara,
 Deste edificio quasi na metade,
 Dos seus materiaes bũa fortaleza,
 Da mesma compostura, & natureza.

Como

41.

Como nas linbas entendi, & na traça,
 Ser este semelhante ao outro assento,
 E que viria a ter a mesma graça,
 E forma: no fazer delle pusme a tento,
 E vi que da materia, & propria maça,
 De que era feyto o primeiro apossento,
 De tres grandes sobrados que em si tinha,
 No mais baixo a fazer outro vinha.

Cabeça,
 peyto, &
 ventre.

42.

Neste sobrado baixo hũa casa auia,
 De grande engenho, & artificio feita,
 Na qual com espantosa geometria:
 A hũa parte quasi à mão direita,
 Hum sutil Mestre de obra esta fazia,
 Muy regalada, certa, & bem feita,
 Sendo o Mestre para isso ardidado, & quente,
 Esperto, viuo, & muyto deligente.

A madre.

Calor na-
 tural, he
 spirito ge-
 neratiuo.

43.

O qual antes que nada começasse
 De pôr em perfeição, & sua figura,
 Os materiaes tomou com que cerrasse
 Hũa abobada asaz humida, & escura,
 E deixou só por onde respirasse,
 Hum piqueno buraco, & abertura,
 E por onde viesse o mantimento,
 A toda a obra o seu sustentamento.

Dõdenas-
 ce o em-
 bigo.

B

E como

Canto I. Da criação do homem.

44.

*E como que não estava ainda seguro,
Porque fiquasse bem certificada,
Fez dous panos na abobada do muro:
Que assi de fora a tinbaõ mais guardada,
E por recolher o mais sobejo, & impuro,
Da imundicia de toda a obra lançada,
E tudo o que para ella era contrario,
Admittindo somente o necessario.*

Outros
dous pa-
nos don-
de se reco-
lhẽ os da
criatura.

45.

*Depois de ter isto assi nesta ordem posto,
O forte começou perfeiçoarse,
Tudo por tal saber, & arte composto:
Que pode encarecerse, & não contar-se,
Estando edificado, & já disposto.
Pera poder de nouo pouoarse,
Com seus quatro retretes, & aposentos,
Ianelas, Atalayas, & guarda ventos.*

46.

*Em parte parecia inda com tudo,
Faltar algũa cousa à fortaleza,
Como quem vê a statua de hum membrudo
Corpo: a que falta o spiritu, & a viueza,
Ouue hum campo solitario, & mudo,
Sem cousa viua mais que sua rudeza,
Era em fim este forte assim acabado,
Como hum corpo sem Alma, & figurado.*

E de

47.

E desejando eu ver em que paraua
 Esta obra taõ estranha, & peregrina,
 Hũa Donzela vi que nella entraua:
 Ferosa, clara, pura, & diuina,
 De improviso delle se apossaua,
 Como senhora mais que delle digna,
 A que logo no forte quanto a via,
 Seruindo alegremente obedecia.

A almarã
cional.

48.

Taõ bem feita vinha esta alta senhora
 Aa fortaleza: & armaua nella,
 Como que feita nella entaõ fora:
 Para ornamento ser, & forma della,
 Logo as partes de dentro, & as de fóra,
 Se começaraõ a mouer com ella,
 E se viuificarão de tal sorte,
 Que o forte se fez muyto mais forte.

49.

Via se tudo yr já de dia, em dia,
 Com taõ noua senhora em crescimento,
 A fortaleza em perfeição crescia:
 Em boa ordem, concerto, & regimento,
 E já que não coubesse parecia,
 Naquelle baixo, & humido aposento,
 Onde fora composta, & bem traçada,
 Pola mão de seu Mestre delicada.

No vètre.

Canto I. Da creação do homem.

50.

A grande fortaleza que em si tinha,
Estoutra já também se carregava,
Com tanto impedimento, & mal sostinha
O grande peso, & pejo que lhe dava,
Bem que quanto bom de fora lhe vinha,
Para a fabrica della desejava,
E deste modo de dia, em dia,
Pasava este pejo, & agonia.

51.

Atè que vindo tempo conueniente,
E conjunção para o effeito disto,
Com força, & com industria sufficiente:
E saber deste artifice preuisto,
O forte quasi milagrosamente
Lançado fóra dali foy visto,
Ajudado porem, & fauorecido
Da fortaleza de que foy nascido.

52.

E como do aposento fóra esteue,
Donde fundado foy desde começo,
Logo outro parecer crescendo teue
Outro ser, & figura de mais preço:
A fermosa Donzella a quem se deue,
Deste alto crescimento o bom successo,
Muyto louvor: estava satisfeita,
De ter o mando em cousa tão perfeita.

En

53.

Era de todos muito obedecida,
 Era em tudo seruida, & venerada,
 E com quanto em prisaõ quasi metida
 Estaua em parte aqui nesta morada:
 Não era erro por não ser della então tida,
 Por sua casa propria em quanto amada,
 Mas porque nesta origem vira,
 Daquella antiga torre que caíra:

Peccatum
originale.

54.

Porque as achegas, & materiaes,
 De que era feito este nouo artificio,
 Tinhaõ nas mesmas partes integraes
 Do outro primeiro o rasto ainda do vicio:
 Não só geração em culpa, & maleficio,
 Mas na afeição, & tudo o mais
 E deste mal deixarão por herança,
 Na terra a semente, & semelhança.

55.

Daqui vinha que no discurso, & augmento
 Da torre que crescia sem detença,
 A Donzella real em seu apozento
 Por vezes teue algũa dezanença:
 Foy bem logo no principio o regimento,
 Sem algũa discordia, & differença,
 Mas depois que a torre em forças foy crescendo,
 Mal foy a gente della obedecendo.

Caro con-
cupiscit
aduersus
spiritum.

56.

Com tudo a bella dama amava tanto,
 Em que o original mal aborrecia,
 Que vezes mil dissimulava quanto
 Esta liberal gente lhe fazia:
 Outra hora ameaçava com espanto,
 Que a governança della deixaria,
 E que como ella della se fosse,
 Perderião seu ser, figura, & posse.

57.

Consenti-
 méto dos
 peccados.

Mas já pella união, & liança estreita,
 Que em casa tinha, consentia outra hora,
 E da culpa em seu damno mesmo feita
 Parecia que della era a causadora:
 Porque os descubridores da sospeita
 Do mal, ou bem que sentião defora,
 Muitas vezes o mal por bem trazião,
 E a senhora, & os criados consentião.

58.

Outra hora resistia com prudencia,
 Por ser de alto, & real entendimento,
 E conuinha a sua alta préminencia,
 Não ter no mal nenhum consentimento:
 Que para tudo tinha sufficiencia,
 E do bem, & do mal conbecimento,
 Mas já da fortaleza parecia,
 Que imperfeições sofrer mais não podia.

Con

39.

Com toda a policia edificada,
 De todos os primores abundante,
 Em tudo parecia consumada,
 E que em nada podia ir mais auante:
 Toda defora se mostraua ornada
 De hũa vinezza, & graça triumphante,
 Forte, noua, alta, fresca, florescente,
 Rica, seruida bem, leda, contente,

40.

E como por defora assi estiuesse,
 Com tanto lustro, graça, & fermosura,
 Desejei ver se a isto respondesse
 A fabrica de dentro, & compostura:
 E porque nisto me satisfizesse,
 Me pareceo com vista clara, & pura,
 Que auia por dedentro, & com espanto,
 Tudo como direi nestoutro Canto,



CANTO II.

Da criação, & composição do Ho-
mem.

I.

Altas obras soberbas, & arrogantes,
Espantosa, & sotil Architectura,
Ouue em tempo passado outras galantes
De pinçel, perspectiua, & de esculptura:
Mil illustres Varoës como Tymantes,
Prothogenes, Polides, na pinctura,
Hum Phydias, & hũ Chrisipo, & hũ Praxitèles,
Zeusis, Parrasio, & celebrado Apelles.

2.

Dedalo, Afabba, Eaberintho embarçado,
E Symiramis fez muro espantoso,
Fesce em Epheso o Templo sumptuoso:
Fez ao marido seu Mausalo amado,
Arthimisa sepulchro, alto, & honroso,
E outras torres a altos edificios,
E de marauilhosos artificios.

3.

Mas como feitos são por mão humana,
 Não podem dilatar-se em infinito,
 Por terra já o Templo de Diana,
 E jazem as pyramides de Ægypto:
 Mil columnas de antiga obra Romana,
 Arcos, statuas de alto, & viuo spirito,
 O tempo duro que de tudo aferra,
 Os tem desfeitos, & postos por terra.

4.

Mas aquella cimetria compassada,
 E sobrenatural proporção viua,
 Em que não pode o tempo ter alçada
 Do corpo humano, & Architectura altiva:
 De idade em idade a vemos propagada,
 Para a fazer perpetua em que reniua
 Aquella mão Diuina lá de cima,
 Que a fez de nada, & lhe deu o ser, & estima.

5.

Os Philosophos grandes com sciencia,
 De incançauel industria que alcançarão
 Das cousas naturaes a propria essencia
 E todos altamente specularão:
 Nenhũa de mais alta arte, & excellencia,
 Entre todas que o corpo humano acharão
 De forma, & de materia hum só supposto,
 Com tamanho primor feito, & composto.

Mas

Canto II. Da creação do homem.

6.

Mas tornando a meu sonbo que contente
Me tinha, desejando eu ver de perto
O mais da Fortaleza, alta, & excellente,
Que por dentro me estava ainda encuberto;
Nã sey como assi logo estranhamente
Me foy tudo mostrado, & aberto,
Como parte por parte aqui contara,
Se me a fraca memoria não faltara.

7.

Cabeça, peito, v̄c̄, & tre.
Pelle, & couro.
Miolo, co-
ração, fi-
gado.

Estava a Fortaleza repartida,
Assi toda por dentro em tres sobrados,
Ou tres principaes quartos, & cingida
Por defora de muros bem laurados:
Corriaõse estes com medida,
E justa porpoção bem compassados,
E tinha cada hum delles seu Mórdomo,
Ou Veedor de grande cargo, & tomo.

8.

O cora-
ção.

E querendo olhar eu o do meo,
Por lhe ver mais stado ricamente
De tudo ataviado, ornado, & cheo,
Parecendo mancebo inda valente:
Marauilhoume ver hum bom meneo,
E mouimento seu continuamente,
Com muito ar sem força, ou defeito,
Mas de seu natural hum dom perfeito.

9.

Daualbe grande authoridade, & brio
 Hum tabardo de mangas que vestia,
 Com que mostraua mando, & senborio
 Em toda a gente que na terra auia:
 E por seu apozeno ser de estio,
 E muito quente, se seruia
 De muitos pagens seus que o banbauão,
 E de ar sereno, & frio o refrescauão.

Paniculo
 que cobre
 o coração

Os muscu-
 los do co-
 ração.

10.

Por estar numa estofa muito quente,
 Mouendose continuo, & assi conuinha
 Para o qual como mestre diligente,
 Huns dous abanos junto de si tinha:
 Aos quais ar, frio incessantemente
 Para seu refrigerio bom lhe vinha
 Por hũs canos defora o admittindo
 O mais, & mais fumoço despedindo.

Os bofes]

Respira-
 douro,

11.

Desta estofa era sempre prouida,
 E sustentada toda a Fortaleza,
 Por seus canos lhe dando spirito, & vida,
 E de seu viuo fogo a tendo aceza:
 Para este fim hũa casa ali escondida
 Com promptidão estaua, & com viuesca,
 O sotil mestre da obra que seruia
 De acender este fogo, & o partia.

O figado
 que faz o
 sangue.

E como

Canto II. Da criação do homem.

12.

Chamasse
spirito ani-
mal na ca-
beça, spi-
ritual no
coração,
natural no
ventre.

*E como esta gram fabrica, & estranha obra,
Toda em tres regioes se denidia
Em partes principaes o mestre da obra
Em todo o edificio, & companhia
Se via deligente a toda a hora
Porque em estas mais viuo residia,
E em que neste aposento mais moraua,
Nos outros dous mudando o nome andaua.*

13.

Paixoes
do cora-
ção.

*Mas como mouer se sempre he com grande calma,
O mordomo que disse valeroso,
Sogeito estaua aos accidentes d'alma,
Hora ledo, hora triste, hora medroso:
Outra hora a ira que sempre encende em calma,
Dominaua outro hora vergonhoso,
Com speranças, & sem sperança outra hora,
Se alteraua, & mudaua cada hora.*

14.

A sobeja
tristeza
encobre o
coração, o
sobejo ge-
sto o dila-
ta, & affi o
poem em
risco de
perderse.

*E com conhecimento falso, ou certo,
As cousas que defora procedião,
Ao mestre da obra sempre viuo, & esperto,
Dese seu aposento como vião,
Fazendo estar as tristes encuberto,
Por toda a torre as ledas o trazião,
Com tanta variação que de tal ver se
Estaua a risco ás vezes de perder se.*

Mas

15.

Mas tinha mais que a fim de recrearse,
 Este rico mór domo os dous abanos,
 Em que bem delles foy aproueitar-se:
 Noutros seruiços seus por outros canos,
 Porque no meyo delles vi formar-se
 Huma frauta cuberta de dous panos,
 E atè o centro da torre hia direita,
 Fazendo varia musica, & perfeita.

O gargalo
 por onde
 entra o ar
 è faza voz

16.

Com hũa sotil porta estana obrada,
 No cabo della hũa cabeça, ou chaue,
 Que dos pagès, & dos outros tem tocada:
 Causaua esta harmonia tão suaue,
 No som que querião temperada,
 Soaua alto, ou baixo, agudo, ou graue,
 Com que gosto, & proueito recebia
 O veador, & toda a companhia.

As differ-
 encias da
 musica.

17.

Tinha fortificado este aposento,
 E repairado em roda hum forte muro,
 E da parte de fóra hum bom asento:
 Duas fontes num quasi contra muro,
 Que trazendo de dentro o nascimento,
 O fazião de dentro mais seguro,
 Mas estas duas fontes parecião,
 Estar secas em-tão, & não corrião.

Peyto ex-
 tetior.

Por serem
 de macho

Depois

Canto II. Da creação do homem.

18.

Depois de eu ter visto parte, por parte,
Desta casa do meyo, & forma della,
A fabrica, concerto, ordem, & arte:
A prouidencia, & bom seruiço della,
Como se ali montaua cada parte,
De toda a fortaleza asi por ella
Repartindo com grande prouimento,
Seu liquido, & aparado mantimento:

19.

Cabeça: Daqui ao aposento mais de cima,
Me pasey logo, & ao mais alto sobrado,
E se o do meyo tiue em muyta estima:
Deste ainda fiquey mais marauilhado,
Por sua perfeição, sua obra prima,
E o lugar em que estaua situado,
Sobre a entrada da Torre com fermosa,
E apraziuel vista, & espaçoza.

20.

**O cerebro
ou miolo.** Procedia com muyta authoridade,
Deste quarto o môr domo nôbre, & antigo,
De hũa abobada forte, & na metade:
Por ser lugar alto, & de perigo,
De hum siso era maduro, & grauidade,
Velho, branco, & das letras muyto amigo,
E assi gastar philosophando o tempo,
Auia por môr gosto, & passa-tempo.

21.

Vestida tinha huma opato cagante,
 Que por todas as partes o cobria,
 Numa casa dabobada muy galante:
 E armada de gentil tapeçaria,
 Atada por detrás, & por diante,
 Por juntas que a abobada fazia,
 Noutro pano de fora que aguardaua,
 E para o mais seruiço ali estaua.

A tea do
miolo.

O casco
da cabe
ça.

Pia matêr
é dura ma
ter.

22.

Alem deste graõ pano que a cercaua,
 Por defora tinha outros dous em roda,
 Com que prouida, & mais fortificada:
 E parecia estar cerrada toda,
 Tambem de hum musgo, & heruas se ornaua,
 De fõra a superficié, & toda a roda.
 Que estando alta a si, & do Sol luõstrada,
 Mostraua huma fermosa cõr dourada.

Oscabel
los.

23:

Em oyto partes era diuidida,
 Bem que continua, & junta em huma figura,
 Esta abobada taõ cerrada, & vnida:
 Que não se deuisaua ter costura,
 Mas pellas em que estaua repartida,
 Seruindose em sala de mestura,
 Todo o fumo sobejo que lhe vinha,
 Dos sobrados de baixo da cozinha.

Mas

Canto II. Da creação do homem.

24.

Mas o Sabio ansiaõ, & bom mórdomo,
Que neste alto aposento residia
Com grande cuydado, & diligencia como
Esperto, & prompto estaua noyte, & dia,
Em sua sphaera. Como em celeste pomo,
Hora do mundo a grande Monarchia,
Outro bora ofazer dellas, & de tudo,
Comtemplaua com continuo, & vario estudo.

25.

Para isto hũa liuraria de diuersos
Authores, tinha grande muy polida,
De varios casos, prosperos, ou aduersos:
Em tres camaras juntas repartida,
A primeira, ou em prosa, ou em doces versos,
Continha alegre fabula fingida,
Leys a segunda, & a Philosophia antiga,
A terceira historia graue tinha.

26.

E desta liuraria demaneira,
Compasadas estauão as estantes,
Que a segunda camara, & primeira:
Tinbaõ liuros mudaueis, & inconstantes,
Mas os outros da camara terceira,
Estauão fixos quasi, & mais constantes,
E assi os que dos deus lhe aprazia,
Nesta terceira sempre os recolhia.

Tres ca-
maras do
miolo.

Primeira
imaginati
ua, segun-
da estima-
tiua, ter-
ceira me-
moratiua.

A memo-
ratiuatem
as cousas
mais fixas.

27.

Da sua condição, & natureza,
 Apar de si o sabio hũa tinha,
 Que a fabrica de toda a Fortaleza
 Quasi em lugar do velho pay sostinha:
 E a torre hora indinada, outra hora teza
 Fazia estar segundo lhe conuinha,
 Por meyo de hũa columna de artificio,
 A que encoestado estava este edificio.

O espinha
ço.

28.

Por detras da bobada descia
 Esta columna até o fim dos sobrados,
 Pella parte de dentro oca, & vasia,
 Mas de trinta canudos bem ligados,
 E em que de dentro vãos: de cantaria
 Erão firmes, direitos, torneados:
 Fiquando assi a columna desta sorte,
 Cuberta de dous pannos, & muy forte.

Trinta of-
fes do es-
pinhaço.

29.

Por dentro da columna discorrendo,
 Do velho a filha andava diligente
 Ella, & o pay nas mãos atados tendo
 Setenta & cinco cordas longamente:
 As quais por toda a torre se estendendo,
 Dispertauão para o seruiço a gente,
 Dando força, & vigor ao mouimento,
 Que necessario era, & ao sentimento.

O couro,
& panicu-
lo carno-
so.Setenta &
fincq ner-
uos q̄ nas-
cê do mio-
lo, & da
nuca,

C

Destas

Canto II. Da criação do homem.

30.

Deſtas neruoſas cordas ſete partes,
O velho ſtudioſo governando,
Com ſinco pares dellas os lugares
Mais ſecretos da bodada diſpertando:
Os mais criados, & os familiares
Da caſa, & os dous mais hião liando,
E os trinta pares repartidos tinba,
Por toda a torre a filha donde conuinba.

31.

Mas porque dos trabalhos exceſſinos
Da torre os ſervidores, & exercicio,
Pudesse fazerſe, & andar mais viuos,
E eſforçados cada hum com ſeu officio;
Foy concedido aos ſpíritos ſenſitiuos,
E aos motiuos por grande beneficio,
Hum reponzo, & deſcanſo conueniente,
A que chamamos ſomnos vulgarmente.

O ſomno.

32.

Acádo ſó Delle era cauſa immediata, & certa,
no he o ca O ſotil meſtre da obra que habitaua
lor naru; No apozeno do meyo, & tinba eſperta:
ral. Da Fortaleza a gente, & alimentaua,
E quando tinba ainda mais encuberta
Sua virtude, & o fogo a conſeruaua,
Reponſana da torre a companhia,
O velho, & a filha as cordas não mouia.

Ajudana

33.

Ajudava tambem que as humidades,
 E fumos que exalauão, & que sobião
 Da cozinha, & das mais concauidades,
 A esta virtude o caminho impidião:
 E adormecendo os velhos, & os mais Alcaydes
 Da Torre os seruidores não bolião,
 Do mouimento a causa assi cessando,
 O sentimento então nada obrando.

34.

Pola parte defora do officio,
 No sobrado mais alto, & luminoso,
 Junto do chapitel, & frontispicio,
 Hum molde de janelas vi fermoso:
 Eraõ tres pares cada par seu officio
 Diuerso tinha, & muyto proueitoso;
 As mais altas de estranha fermosura,
 Varios no sitio, officio, & no figura.

Olhos, o
 relhas, na-
 rizes.

35.

Cada hũa dellas sua espia,
 E Atalaya de grande vigilancia,
 Que ao longe, & ao perto dalto descubria
 Tudo o que parecia de importancia:
 Aprezentando logo o que sentia,
 A hũa Atalaya môr que noutra estancia
 Desta abobada estava apozentada,
 Para este cargo dentro deputada.

Sensus cõ-
 munis,

Canto II. Da creação do homem.

36.

Assentados estauão sobre fino

Os olhos.

Marfim: as duas janellas alterosas,
Com vidraças de hum puro cristalino,
Que as fazia mais claras, & lustrosas:
E para defenderse do ar maligno,
Ou doutra cousa má hũa fermozas

Pestanas.

Cortinas de cadilhos se cerrauão,
E quando era necessario abrir tornauão.

37.

Por cima da cortina, & corridiças,

Sobrance-
lhas.

Cada janella tinha sua cimalha,
Para reparo do ar arcadas, & maciças,
Cubertas de hũa curta, & seca palha:
Erão como conuinha mouediças,
Ambas de hum lauor mesmo, & de hũa igualba,
E alem de reparar da chuua, & vento,
Dauão as janellas graça, & ornamento:

38.

Logo em direito estauão, & alem destas,

Orelhas.

Outras duas de outro feitio, & arte,
Descubertas ao vento, & manifestas,
Cada hũa a cada mão do baluarte:
E em caracol, & em voltas duas frestas
Tinão feitas na mais vltima parte,
Das quais duas escutas de vigia,
Cada hũa daua auiso do que ouuia.

Abaixo

39.

Abaixo destas quatro as outras duas,
 Por cima do portal da Torre estaão,
 Com grande engenho feitas, & com suas
 Espias que do cheiroso auisauão:
 Dos dous sobrados altos duas ruas,
 Aqui vinhão por onde se purgauão
 As superfluidades que descião,
 E dentro o fresco alento recolhião.

Narizes.



40.

Deſtas janellas logo abaixo eſtaua
 O graõ portal da Torre, & ſeruentia,
 Neſta mais alta parte em que moſtraua
 Eſtranha Architeçtura, & geometria:
 E por aqui o neceſſario entrava,
 De tudo quanto a Torre ſe ſernia,
 E para iſto poder ſer ſem trabalho,
 Se ordenou hum grande remedio, & atalho.

A boca.

41.

Que ſobre os dous ſobrados derradeiros,
 E mais baixos cada hum a ſua parte
 Eſtauão dous robuſtos carreteiros,
 De muy grande ſeruiço, engenho, & arte:
 Que alem de grandes ſerem erão ligeiros,
 Que cbegauão correndo a qualquer parte,
 Acarretando tudo com preſteza,
 Para conſeruação da Fortaleza.

Braços.

Canto II. Da criação do homem.

42.

Estes dous carreteiros sustentados

Erão por seu serviço, & prouimento,
Da mesma Torre donde forão criados,
Com todo o necessario mantimento:

Os dedos.

Tendo delles cada hum finco criados,
Que a tudo dauão grande auimento,
E porque em seu trabalho sempre andauão,
As cabeças de bons cascos armanão.

As vnhas
dos de-
dos.

As quatro
calidades
do tacto.

43.

Seruião com cuydado, & diligencia,

Estes criados dez continuamente,
Sendo o principal toque, & experiencia,
Do humido, do seco, frio, ou quente:

Em qualquer arte, ou mechanica sciencia,
Alem de obrarem necessariamente,
Com armas resistião a toda a offensa,
Da Torre della sendo amor defensa.

44.

E defora da entrada, & seruentia

Os beigos

Da Torre, dous porteiros sempre estauão

Lustrosos, & vestidos de alegria,

Que as portas com cuydado bem guardauão:

Tambem o som da frauta, & armonia,

Com mouimento seu perfeiçoauão,

E assi dos tres mór domos dos sobrados,

Erão por isto em tudo alimentados.

45.

Das portas para dentro logo entrando,
 De grande fabrica hum moinho tinha,
 O qual moendo estava, & preparando
 Tudo o que auia de ir para a cozinha:
 Moido, & brando dentro assi mandando,
 O mantimento que defora vinha,
 E com esta pôrpoção, & conueniente,
 Se repartia, & hia por toda a gente.:

A fabrica
 dos dentes,
 & boca.

46.

Neste moinho junto os dous porteiros,
 Estando juntamente em seu officio,
 Duros, & rijos trinta & dous moleiros,
 De grande força, & vtil exercicio:
 Daqui tirados fora outros primeiros,
 Forão por fraqueza sua, & vicio,
 E os que agora mobião com destreza,
 Todos branco vestião por limpeza.:

Trinta &
 dous den-
 tes.

Os dentes
 mudados

47.

Tinha caba hum delles sua morada,
 Em dous lanços de penedo que auia,
 Entre elles hũa dona experimentada,
 Esperta andava, & prompta noyte, & dia:
 E della era approuada, ou reprovada
 A farinha de quanto se mobia,
 Prouando se era saborosa, & alua,
 Porque era ella gentil mestra de salua.:

Queixa-
 das.

Lingoaç

O comer.

Canto II. Da criação do homem.

48.

Em toda a Fortaleza era importante
O cargo desta dona reuerenda,
Sendo frauta, & interprete elegante
Em tudo alem do mando, & da moenda:
Dava tambem ao som doce, & galante,
Da frauta, ar, compasso, graça, emmenda,
Toda a fabrica em fim desta tão clara
Torre: sem esta dona mal passara.

49.

Os nove musculos
que ficou
debaixo
da lingua.

Mas por ser femea hum quasi frego,
Por não hir longe a tinha preza, & atada,
Bem que em nove criados de hum arreo,
E de hũa librê andava ella encostada:
Que por ser de tal graça, & bom meneo,
Seruida era de todos, & acatada,
E por julgar os gostos na verdade,
Cercada sempre andava de humidade.

Saliua.

50.

Duas agu-
lhas.

As cãpai-
nhas.

Mas porque quando em casa repousava,
Esta humidade muita a não enojasse,
Duas esponjas tinha em que tomava,
E recolhia o mais que sobejasse:
E tambem porque dentro importava,
Todo o humido sobejo, ou ar que entrasse,
Tinha logo alem hũa anteporta,
Que resistia ao sobejo ar da porta.

Alem

51.

Alem desta anteporta parecião
 Os dous principaes cannos desta Torre,
 Por hum delles os frescos ares hião,
 Com que o Veador do meyo se soccorre:
 Por outro canno tudo o que mobião
 Os moleiros, & o que à cozinha corre,
 E nella do primeiro cozimento,
 Se preparava todo o mantimento.

O garga-
 lao, & tra-
 gadouro.

52.

Mas ao quarto do meyo esta cozinha,
 Hũa grossa parede diuidia,
 Porque aqui perto sua morada tinha
 O mordomo que nelle presidia:
 O fogo, & fumo della que lhe vinha,
 Todo tomado tem por esta via,
 E co a parede guardado, & defendido,
 Fica sempre seu apozento diuidido.

A teagem
 chamada
 trema.
 Coração.

53.

Com hũs tres cannos por onde prouida,
 Toda a fabrica, & gente que aqui estaua,
 Estando esta parede iuterrompida,
 Nella o quarto do meyo se acabaua:
 Em hũa gram cozinha, & bem seruida,
 Ou porque o quarto debaixo começaua,
 Ou tambem logo nella começando,
 Tudo o que nella ania fuy notando.

Capax

54.

O estamago. *Capaz era a cozinha, & sufficiente
Para cozerse nella o mantimento,
Que pude-se bastar a toda a gente,
E de muito artificio, & prouimento:
Calor natural. Com viuo fogo estaua sempre quente,
Para todo o seruiço, & cozimento,
Num vaso de duas bocas, & bem obrado,
Sendo tudo cozido, & preparado.*

55.

*Pella boca mais alta se metia,
O que vinha cozerse, & digerirse,
Pella outra baixa o mais se despedia,
De que menos auião de seruirse:
E junto desta boea baixa auia
Hũs quatro cannos para repartirse
Hum certo manjar branco, & imperfeito,
Neste primeiro cozimento feito.*

56.

Quatro veas que procedẽ do estomago. *E desta mesma obra outros mayores
Seys cannos juntamente procedião,
Por onde da cozinha os seruidores
As fezes, & superfluo despidião:
Os seys intestinos. Destes cannos tambem outros mayores,
Por mais apurar tudo inda nascião,
Por hũa tea grossa derramados,
Com proueito, & limpeza assi ordenados.*

Destes

57.

Destes seys no baixo tão somente,
 Hüs tres moços auia de seruiço,
 Que por estar entre elles mais corrente,
 Estauão nelle postos para isso:
 E no remate delle vltimamente,
 Estando outros quatro tambem nisso,
 Promptos em alimpar cerrando, & abrindo,
 E com outros na Torre bem seruindo.

Musculos

58.

Presidindo neste vltimo sobrado,
 E quarto, outro principal mór domo,
 De graõ negociamento venerado,
 Muito importante, & bem seruindo como
 Cada hum dos outros dous alcatruzados
 Hum pouco: muito graue, & homem de tomo,
 Triste no parecer mas no supposto,
 Alegre não albernox deã gra bem posto.

O figado!

59.

Junto à cozinha tendo seu apozento,
 Mandaua della vir por ordenança,
 Sò da primeira estancia, & cozimento,
 De todo o manjar branco em abastança:
 Fazia entã todo este mantimento,
 Outra vez recozer com temperança,
 Que mais puro, & cada hum por sua via,
 Entre todos na Torre se partia.

O panicle
lo do figa-
do.

E assã

Canto II. Da creação do homem.

60.

Sãgue misturado
cõ os humores.
Caã das
doenças.

E assi depois de já bem cozido
Este manjar, que a todos sustentaua,
Sendo em quatro licores conuertido,
Diuersos ser hum sò na cor mostraua:
Mas destes mal conforme, ou desmedido,
Se algum muito mingoua, ou sobejaua,
Fora de porpoção, & saã concordia,
Em toda a Fortaleza auia discordia.

61.

Caã das
auide.

Por contrario em justa cantidade,
Em liquido vermelho misturado,
Se este manjar se dà com suauidade,
Todo este asento està delle abastado:
Daqui deste apozento por metade
Da Torre corre hum, & outro sobrado,
E por cubertos cannos vay mandando,
A toda a gente della alimentando.

Porulos,
Arterias.

62.

E com quanto assi leua sua mistura,
Por mais bastar a todos em chegando
Ao apozento do meyo ali se apura
Sùmamente, & se vay adelgasando:
E daqui o mórdomo com mão pura,
Depois que bem o atina està mandando,
Purificando a toda a Fortaleza,
Por outros sotis cannos com destreza.

Arterias
do cora-
ção.

Ma

63.

Mas tinha este mais baixo em sua estancia,
 Apar desi por grande beneficio
 Da torre dous criados de importancia,
 Prouidos cada hum com seu officio:
 O primeiro com sua vigilancia,
 Sentindo auer segura no edificio,
 Por certos kannos que para isso tinha,
 Espertava gram sede na cozinha.

O fel, & o
baço.

64.

Vestia-se de hum verde sempre escuro,
 Por extremo colerico, & agastado,
 E taõ azedo que por todo o muro
 Se via andar às vezes de enojado:
 Tambem causava ser manjar impuro,
 Da cozinha co seu superfluo relançado
 Por humidos kannos seys da torre fóra,
 Quando para isso auia tempo, & hora.

O fel.

65.

O segundo criado era tristonho
 No corpo, & no vestido homem baço,
 Menenconizadissimo, & enfadonho:
 De má conuersação, & pouco paço:
 Era medroso, & em si era medonho,
 Morto de fome sempre, & muito escaço,
 Mas o comer pedia para a gente,
 E nisto bem apurado, & diligente.

O baço.

Abaixo

Canto II. Da criação do homem.

66.

Abaixo destes dous estávão,
No apurado comer também seruíndo,
No corpo, traça, & idade conformação,
Num mesmo officio não se dezaúndo:
Toda a superflua agoa a si chamaua
Por seus cannos dos outros iguaes vindo,
Tendo na mão hūs vazos coadores,
Que coauão esta agoa, & outros humores:

67.

Dous can-
nos davea
caua & ar-
teria do
rim.
Cannos a
bexiga.

Em si retendo só a potagem boa,
Toda a outra agoa coada se metia
Por dous cannos sotis numa alagoa,
Que de grande artificio dentro auia:
Esta agoa salgada aqui se coa,
Da Torre fóra em fim se despedia
Por outro canno em voltas, & deste modo,
Vinha assim a sair fóra de todo.

68.

Este apozeno baixo se cercaua
Com paredes também, & com seu muro,
Com que emparado, & quente assi ficaua
Aos perigos defora, & mais seguro:
Onde era necessario brando estaua
Em parte, em outras partes firme, & duro,
Finalmente de tudo muy prouido,
De gente de seruíço bem seruído.

E porque

69.

E porque esta tão bella Fortaleza,
 Nunca o tempo de todo a desfizesse,
 O mestre da obra ordenou com destreza:
 Que defora da Torre sempre ouvesse
 Dous naturaes Irmãos cuja viueza,
 Outros materiaes spiritos desse
 Para se fazer o nouo edificio,
 Por delicados meos, & artificio.

70.

Todos tres apoventos, & sobrados,
 Sobre duas columnas se asentauão,
 E ao pé dellas entre elles agazalhado,
 Estes dous naturaes Irmãos estauão:
 As columnas nos seus pedestraes pegados
 Nas mais delgadas partes ter mostrauão,
 E o mais grosso para cima como tinba,
 A outra Torre de que esta nascer vinba.

As pernas

Pés.

71.

Sendo pois como disse tão fermoso
 Este nouo edificio, & tão pollido,
 Por dentro, & fôra em extremo artificiofo,
 E tudo já por mim visto, & corrido:
 Cuydando no Artifice poderoso,
 Que de tudo o fizera tão prouido
 Estaua eu contentando a vista nelle,
 Sem de todo a poder apartar delle.

Quando

Canto II. Da criação do homem.

72.

*Quando enleuado assi me parecia,
Que com triste mudança estranha, & dura,
Este grande edificio descabia
De sua graça alegre, & fermosura:
Atè de todo cayr por derradeiro,
Como no Canto cantarey terceiro.*

CANTO



CANTO III.

*Da criação, & composição do Ho-
mem.*

I.

O Vida humana tão caduca, & breue,
O falsa gloria della imperfeita,
A que mais dura fica a hum somno leue,
Ao tempo, ao fado, à morte em fim sojeita:
Quem mais conta fez della quem mais a teue,
Com mór dor, & tristeza a vïo desfeita,
Passa o seu fim remata em pranto, & magoa,
Enchendo como fumo os olhos de agoa.

2:

Em que parou da terra o mór Tyrano,
Com prospera fortuna, ou com aduersa,
Em que parou o graõ ceptro Romano,
Em que o Grego, o Medo, o Cyro, o Persa:
De hũa hora incerta hum certo dezengano,
Daquella hora final, dura, & peruersa,
Triste, odiosa a todos tudo em terra,
Em muito esquecimento, & pouca terra:

Tyrano

Canto III. Da creação do homem.

3.

Na antigua idade douro em que abundança
Laudauel da terra florescia,
Em que a saude, & vtil temperança,
Nos homēs, & Elementos mais auia:
Dos innumerados annos a abastança,
A muitos pouca, & breue parecia,
Que o calado ladrão a todos furta
A longa vida, & faz parecer curta.

4.

Quem viue por viuer só nesta vida
Docemente, no fim chorosa, & amarga,
Em que do Ceo lhe seja concedida,
Que a de Mathusalem muito mais larga:
Que mais he que na miseravel partida,
Em que ha de ir ter leuar mais carga,
Mas quem somente aspira a eterna, & sancta,
Para ella alegre, & leue se levanta.

5.

Leuantase a alma leue à mór altura,
Do seu charo amigo desatada,
Ou das obras leuada clara, & pura,
Ou à prisão perpetua condemnada:
Toda inferior cousa, & creatura,
De materia, & de forma fabricada,
Por mais que viua em fim seu fim a spera,
Que assi o quis quem fez a grande sphaera.

6.

Mas nunca a ninguem basta esta certeza,
 Para que a dura parca inexoravel,
 Espanto lbe não cause dór, & tristeza,
 Com seu golpe cruel, & irreparavel:
 Assi vendo o da bella Fortaleza,
 A miseravel queda em que duravel,
 Sabia nascer nada: entristiceome,
 E cousa estranha, & graue pareceome.

7.

Não sonhaua eu que via desfazerse,
 Com subita ruina este edificio,
 Mas por tempo auia enuelbecerse,
 Cada parte cessando em seu officio:
 E o gouerno, & economia perderse,
 Com sua ordem certa, & saõ exercicio,
 Não seruindo os vasallos a senhora,
 Te que ella triste se sabia fóra.

A alma.

8.

Triste se hia por mal obedecida,
 Ao Senhor que a esta enuelbecida
 Casa sua amandara, & vir fizera,
 Triste se hia confusa, & arrendida
 Do mau viuer: mas mais viuer quisera
 Na sua antigua, & tão chara morada,
 Que só por terra jaz desemparrada.

Canto III. Da criação do homem.

9.

Membros
& pès do
corpo.

Fazendo mal os grandes, & os menores,
Cada hum seu deuido regimento,
Não mandando os Mórdomos, & Veadores,
E não auendo em nada asento:
Ve o cômum manjar com seus licores,
Todos quatro a hum tal corrompimento,
Que as partes principaes, & as outras logo,
Enfraquecião, & se enfriou o fogo.

As quatro
composi-
çoens, ou
humores.
Calor na-
tural.

10.

Spirito vi-
tal, humi-
do radical

Porque daqui nasceo que consumindo
Se foy o mestre da obra diligente,
E com elle de mal em peor indo
Os Capitaës da Torre, & outra gente:
E todos os seruidores mal seruindo,
Os de dentro, & os defora juntamente,
Em todos se enxergaua hũa frieza,
De estranha enferma, & misera fraqueza.

11.

Os demais dos trinta & dous brancos moleiros,
Que estauão no moinho se fazião
Debilitados já como os primeiros,
E sem poder moer fôra cabião:
Outros que em seu vigor ainda que inteiros
Ficauão por fraqueza não seruião,
E por estarem ali mais arreigados
Có velbo ficauão apozentados.

12.

Enuelhecendo assi tanto o edificio,
 Defora a graça, & lustre hia mudando,
 Atè no chapitel, & frontispicio,
 Murchandose hião as flores, & descarnando:
 Porque já não sendo tão propicio
 O calor, & alimento como quando
 Em seu vigor, & perfeição estauão,
 Em fria, & branca a cor douro tornauão.

As chans
 com a ve-
 lhice.

13.

Aquelles dous robustos, & valentes
 Carreteiros cansadamente andauão,
 E já mais floxamente, & negligentes,
 O necessario à Torre acarretauão:
 Tambem os dez criados diligentes,
 Como tolhidos mal se meneauão,
 E já as columnas groças que trazião
 O pezo sobre si, fracas tremião.

Os braços

Os dedos.

As pernas

14.

Com tal fraqueza, & continuos temores,
 Ameaçauão à Torre final queda,
 Estauão sem repouso os Veadores,
 E toda a gente fraca, & pouco leda:
 Da salua a mestra já deixa os sabores,
 E cada bum de seu cargo já se arreda,
 Aruinando por mil partes o muro,
 Abalado se mostra, & mal seguro.

Cerebro,
 Coração,
 Fígado.

Lingoa.

Canto III. Da creação do homem!

15.

Atonito com grande dór, & espanto,
Que ficava então me parecia,
Com tão fero spectaculo, & com tanto
Strondo lachrymoso como auia:
Porque defóra estar hum alto pranto,
Muita gente funesta, & triste via
A morte fera que da desta sorte,
Carpindo, & da sua gente a fera morte.

16.

E o que mais me espanta sobre tudo,
Da machina lançada assi por terra,
Que o material todo, & o campo mudo,
Hum vil pão de lenço dentro encerra,
E aquem estando em pé foy pouco tudo:
Cabindo a cobria bñã pouca terra.
Cuydadofo eu nisto estando, & afficto,
Tornaua a parecerme aquelle spirito.

17.

Aquelle spirito bom, feroso, & puro,
Que ao entrar da Torre me deixara,
Em cuja companhia eu muy seguro,
Por ariscados passos já passara:
Tornoufeme com elle o triste, & escuro,
Tempo puro, & sereno, & a noyte clara,
E pondo eu leue, & ledos os olhos nelle,
Assi me começou de falar elle.

18.

Que fazes fraco aqui, que cuydas triste,
 Mortal, terreno, cego, descuydado,
 Porque não te aproneitas do que viste,
 No mal doutrem por teu bem dontrinada:
 Não he vaõ sonbo não o em que consiste
 Perdereste, ou saluares coitado,
 Os olhos abre já esperto, & prompto,
 Regula a vida sò por este ponto.

19.

Quem te criou, & quem te fez de nada,
 Dandote o ser, a forma intellectiua,
 Nesta Torre te meteu incacerada,
 Não foy para que nella sempre viua:
 Mas para merecer nesta jornada,
 Com suas obras a outra eterna, & altiua,
 Com suas obras tingidas no purissimo
 Sangue do bom Cordeiro innocentissimo.

20.

Para isto viue sò, para isto estima
 Qualquer bem temporal, que este he seu preço,
 O que não for para isso desestima,
 E no fim o despreza, & no começo:
 O bem perfeito, & firme la está em cima,
 Sem falta la seguro, & sem excesso,
 Dasse immenso a cada hum no clarao sento,
 Mas medido por seu merecimento.

21.

Dasse penna a quem isto desmerece,
Tambem sem nenhum fim, & sem medida,
As quais por sua culpa só padefce,
Pospondo á vida eterna a breue vida:
Esta que em torpes vicos ennelbece,
Atê lbe ser de todo consumida,
Da alma a satisfação lbo verifica,
E o que da terra em a terra fica.

22.

Isto he o que tens visto, & o que notaste
No processo, & discurso deste forte,
Que não he mais se o bem consideraste,
Que hum viuo homem sogeto a cômum morte:
Tu por dentro, & por fóra especulaste,
E viste cada parte de tal sorte,
Que ser hum corpo humano organizado,
Declararte auerey por escusado.

23.

Fello Deus como a ty mortal, terreno,
Mas fello racional capaz do Ceo,
Fez o graõ mundo, & fez este pequeno,
E nelle por salualo em fim do Ceo
Desceo atê se fazer homem: com aceno,
Quem pode fazer a terra, & o Ceo,
Desceo atê em hũa cruz ser leuantado,
Para trazer a fitodo o criado.

24.

Remirte ò graõ homem quis Deus sempiterno,
 Com hum resgate de amor marauilhoso,
 Dando por si seu filho igual co Eterno,
 O qual fazendosse homem piadozo:
 Por te liurar da morte, & escuro l' ferno,
 Deu sua vida, & sangue precioso,
 Pois com que vidas tu pagar l'be entendes,
 Se com a que te deu tanto o offendes.

25.

Será razão que desça de sua altura,
 Abaixa terra só por darte vida,
 A sua offerecendo sancta, & pura,
 Com tanto excesso, & tanta dór crescida:
 Na Cruz a tanta injuria à morte dura,
 E que seja tão mal agradescida,
 Que elle morra só por tu vida teres,
 E tu que viuas só para o perderes.

26.

Enganado, perdido, ingrato, & cego,
 Como dormir? como viuer? te atreues,
 Como afogarte do profundo pego
 Não temes? carregado do que deues:
 Emmenda a vida não com o mau emprego,
 Em quanto tempo tens, que as horas leues
 Se vão sem sperar, nem he figura,
 Para isso a derradeira, triste, & escura.

No

Canto III. Da creação do homem.

27.

No diluio cruel, & mar contrario,
De teus vicios em que andas engolsado,
Buscar do bom Noé te he necessario,
A sancta arca que no mundo tem laurado:
Não no monte de Armenia mascaluario,
No graõ Caluario monte, & celebrado,
De Adam busca segundo a aruore sancta,
Que elle por saluarte em o mundo pranta.

28.

Colhe pois sem receo, & confiado,
Della o fructo diuido, & taõ jocundo,
Não o que a Adam primeiro foy vedado,
Mas o que deu a todos o segundo
Do Ceo vindo: na terra foy plantado,
Paraque nella viua o morto mundo,
Dum puro Lyrio nasce hãa flor taõ pura,
No vale por subir tudo a altura.

29.

Olha na sagrada aruore pendendo,
Do ventre virginal o fructo suauo,
Para dar bens, & os braços estendendo,
Como lhe foy posta corõa graue,
Por te sperar se da vista o vãs perdendo,
Pregados pês, & mãõs tem na alta traue,
E para recolberte no deserto,
Perdida ouelha o lado tem aberto.

30.

O lado fonte viua donde mãna,
 Com sangue, & agua a sam graça infinita,
 Que gostandote bem a gente humana,
 Que viue vida morta, resuscita:
 Gloria fica da morte soberana,
 Consola, & aqui apura em fogo afflicta,
 Tu purifica fonte tudo regas,
 E a quem te quer gostar nunca te negas:

31.

De tua perenal clara corrente,
 Nascem diuinos Rios sem discordia,
 Que regão essa Cidade refulgente,
 De Deus que tem a terra em sam concordia:
 Quatro Rios de graça sufficiente,
 De justiça, de emor, misericordia,
 E todo o bem que a seu Deus cõunicaua
 Em ti ó fonte sancta purifica.

32.

Ati os que de vida sede trazem,
 Tua agua salutifera buscando,
 Quanto mais em ti se satisfazem,
 Tanto com gosto a estão mais dezejando:
 De terrena pura ser a fazem,
 Seu bom stado em graça renouando,
 Os que te bebem, & os que teus Rios habitão,
 E debaixo do guião da Cruz militão.

Canto III. Da criação do homem.

33.

A tão líquida vea, & fresca fonte,
Corre pois peccador lauarte nella,
Baixos olhos leuanta ao alto monte,
Aquelle monte sancto donde nasce ella:
E vela ensangoentada não te afronte,
Que he mais fermosa asi que toda a Estrela,
Esse diuino sangue em que tingida
Vez a sancta agua te he saude, & vida:

34.

Faze tua morada nesta viuua
Pedra singular donde a doce agua nasce,
E donde mel, & leyte se deriua,
Que o Ceo, & a terra alegremente pasce:
Por esta escada sube a estranha altura,
Que o grande Iacob vio que ao Ceo chegasse,
Por ella Anjos do Ceo á terra descem,
Sobem ladroões ao Ceo que arreconhecem.

35.

Vay banharte doente, & tão leproso,
Neste diuino, & sacro Rio lordão,
Passa o da lepra já saõ, & fermoso,
Para na terra entrar de promisaõ:
Fuge, & sayte do Egypto trabalhoso,
Donde te tem teus erros em prizaõ,
Passa do sangue, & agua o mar vermelho,
Liure do captiueiro antigo, & velho.

36.

Olha a sagrada letra que Ezechias,
 Em Hierusalem vio impressa, & scripta
 Nas testas dos que estauão de agonias,
 E alma tinbaõ triste, & afflicta,
 Enche os coraçõs esta de alegrias
 Perpetuas: & lbes dâ graça infinita,
 Agora com hum final nellas impresso,
 Scripta bem com sangue alto sem preço:

37.

De metal no deserto em Cruz erguida,
 Olha a medicinal mortal serpente,
 Que sò com a vista da saude, & vida,
 Aos que feria com venenoso dente:
 Representana ser serpe esculpida,
 Serpe era no metal serpe aparente,
 Afsi posto na Cruz como culpado,
 Quem nunca o pode ter terá o peccado.

Nu. cap. 2.

38.

Esta Arpa de David taõ branda, & sancta,
 Com vozes taõ diuinas, & acordadas,
 Se tocão na Cruz postas com dõr tanta,
 Os nervos seus, & cordas delicadas:
 Afugenta o Demonio mau, & espanta,
 Desfaz, & dissiperta já suas ciladas,
 Toca pois a sancta Arpa adora, & ama,
 Mil lagrimas damor nella derrama.

Psalm. 30.

Canto III. Da creação do homem!

39.

Com speranza amor, & firme fê,
A teus tão cegos olhos laua, & cura,
Na clarissima fonte Syloè,
Sabias da cegueira tr:st:, & escura:
Veràs por onde poës o enfermo pé,
Ser tudo engano, & mã dezaventura,
Da vil carne do mundo vem pobrezas,
Do mau sempre malicias, & torpezas.

Os tres I-
migos dal
ma,

40.

Gozate desta certa medicina,
Bastante stima a toda a enfermidade,
Que o bom, & vniuersal Medico ensina,
Com tão sincero amor, & boa vontade:
Entra nesta probatica piscina,
E a tua paralitica maldade,
Conuertida veràs pella virtude,
Desta agua efficacissima em saude.

41.

De Deus com puro amor olha o Cordeiro,
Cujos sangue purissimo innocente,
Derramando com amor tão verdadeiro,
Do lobo te liurou percuciente
Sangue tanto sem preço: & por dinheiro,
Por vil preço vendido injustamente,
Mas assi ás mãs culpas liuramento,
E ás obras boas deu merecimento.

42.

As obras que assi nelle resplandescem,
 Como num taõ capaz, & claro espelho;
 E todas perfeiçõs sem fim parecem,
 E os sanctos Doës do spirito, & são conselho:
 As mais virtudes que sempre aqui florecem,
 Tinha no fino esmalte, & bom vermelho,
 Verte bem neste espelho imita, & goza,
 Veràs toda a virtude aqui fermoza.

43.

Se a sempre igual justiça firme, & forte,
 Ver queres, vê que o homem condemnado
 Por sua mesma culpa â eterna morte,
 Pagando Deus por elle he perdoado:
 Deus fesse homem mortal mata a morte,
 Morre innocente, & mata ao mau peccado,
 Com suas chagas tira a antiga chaga,
 Como Deus pode, & quer como homem paga.

44.

Esse misericordia branda, & amiga,
 Que mais se pode ver que a piedade
 Com que ao bom filho do Eterno pay castiga,
 Por perdoar do mau seruo a maldade:
 Olha a que estado desce, & aque se obriga,
 Se queres ver altissima humildade,
 Se a sam modestia vé com que estreiteza
 Nasceo, viuo morreo sempre em pobreza.

Canto III. Da criação do homem.

45.

Vê com que mansidão, com que innocencia
O Redemptor do mundo se offerece
Ao summo Sacrificio, & obediencia,
Até morte tão crua que padece:
Em tanta injuria, tanta pasciencia,
Que por seus homicidios não se esquece,
Por inimigos rogar assi o amando,
Tudo com alto amor bem rematando.

46.

Amor lhe fez do Ceo que à terra deça,
Amor da terra ser em Cruz subido,
Amor nos pés, & mãos, corpo, & cabeça,
Com cravos, lança, espinhas, ser ferido:
Amor que com tormentos mil pareça
Hũa chaga ser, & por leproso auido,
Amor que amasse o mundo tanto,
Que nelle fique em carne, & em corpo sancto:

47.

Deus sendo amor purissimo perfeito,
Quis pello mesmo amor cōmunicarse,
Fazendo de hũa alma, & humano peito,
E nelle Deus, & homem agazalbarse:
E mais se alegra em lugar tão estreito,
Que no espaçoso Ceo, & largo impirio acharse,
Que este he sò corporal morada nua
Dalma, & spirito, o outro imagem sua.

48.

Para esta união sancta, & amorosa,
 A diuina Eucharistia instituindo,
 Com discreta inuenção marauilhosa,
 Dos Discipulos seus se despedindo:
 Na quella final Cea lachrymosa,
 Debaixo das species se encobrando,
 De pam, & vinho em doce mantimento,
 Se dà a comer neste alto Sacramento.

49.

Que como trasformado, & conuertido,
 Em quem o come o mantimento fica,
 Assi a alma do homem a Deus vnida,
 Por amor se sustenta, & viuifica:
 Que este manjar diuino recebido,
 Vida diuina dá, & glorifica
 A quem sua carne come, & sangue bebe,
 E morre, indignamente quem o recebe.

50.

Quem bem o come em Deus fica, & Deus nelle,
 Fica em Deus como proprio membro viuo,
 E o summo Deus como cabeça delle,
 Hum ser spiritual lhe dando altiuo:
 Fasse assi hum corpo mistico por elle,
 Por este amor puro, & vnitino,
 E o filho assi de Adam, & o filho de ira,
 Fica filho de Deus, & a Deus aspira.

E

Contente

Canto III. Da criação do homem!

51.

Contente viue amando, & perseuera,
Na fonte d'amor puõ alma embebida,
Abraça aquella amiga, & fiel hera,
Da saudavel Cruz aruore erguida:
Come o bom pam da vida em vida fera,
Perdendõ irás ganhando eterna vida,
Come pam sobre substancial, & de graça,
Que de terreno Angelico te faça.

52.

Esperta já Christão dormente esperta,
Para este pam que tanto te conuida,
Que a satisfação tens taõ boa, & certa,
Cauando do Senhor sempre na vinha:
Ao peccado, & chaga nalma aberta,
Applica esta suaue, & sam mezinha,
Os bens do mundo tem por sonho, & rizo,
E o que me ouuiste em sonhos por auizo.

53.

Assi estava o bom Anjo falando,
Que ao doce som de sua voz diuina;
Dormia muy quieto repousando,
Na vizão deleitosa, & matutina:
E não crendo eu que fosse isto sonhando,
Com hũa branda vara, & inspiração diuina,
No coração tocarme parecia,
E despertar do somno me fazia.

54.

Fiquey confuso tanto, & taõ asombrado,
 Já de todo acordado, & só em meu leyto,
 Daquelle spirito bom dezemparedo,
 De seu colloquio sancto, & brando aspeito:
 E de que ouuira, & vira inda lembrado,
 Que impresso me ficou dentro em meu peito,
 Comecey a fazer contas comigo,
 Quaes todo o homem deue fazer consigo:

55.

Misero peccador, mortal, terreno,
 De pó, de sinza, & terra hum triste sacco,
 Quero abraçar hum bicho taõ pequeno,
 O Ceo, & a terra como outro Zodiaco:
 Eu me engano, eu me perco, eu me condemno,
 Culpado vou perdido, cego, & fraco,
 Nascido em dor, em pranto, & em peccado,
 E nelle em mil misérias enterrado.

Exortatio.

56.

Que spero mais que não me dezeno,
 Com tanta inspiração, tanta doutrina,
 Que vou de dia em dia, de anno em anno,
 A cura dilatando a esta alma indigna:
 Ab cruel a mim mesmo, & deshumano,
 Que taõ prezente, & sancta medicina,
 Qual se me offerecendo esta taõ certa,
 Deixo de pôr na mortal chaga aberta,

57.

*A viua fonte vejo permanente,
Sempre manancial nunca escorrida,
De que manando está perpetuamente,
E sem cessar saude, & luz deuida:
Vejome a mim mortal, cego, & doente,
(bejar não quero a cura offerecida,
Deixome ir sempre obstinado, & duro,
Traço o tempo a beber no lago escuro.*

58.

*A Fortaleza que eu sonhando via,
Florente edificarse em tanto terse,
Te que por tempo em fim me parecia,
Cabir por terra, & nella desfazerse:
Donde a immortal-senhora se sabia,
E sem para onde fosse então saberse,
Era o meu triste, & fragil corpo humano,
E de todo que não me dezenzano.*

59.

*Ab não seja assi, não dure tanto,
Minha vida no graue, & mau letargo,
Que esquecido da eterna com espanto,
A perca, & sem fim morra em pranto amargo:
Daquella sancta fonte, & Rio sancto,
Sempre alto, copioso, doce, & largo,
Lá quero o pam gostar, & agua da vida,
Paraque fique là comigo vnida.*

60.

Por ti quero viuer ó pam diuino,
 Que dás vida, & es vida por essencia,
 Por ti com tua graça eu fraco, & indigno,
 Quero, & posso fazer sam penitencia:
 E com ella mais limpo de continuo
 Quero amarte, & gostar com mais frequencia,
 A ti que es amor puro, & bem supremo,
 Por ti suspiro eu, & por ti gemo.

61.

Em que eu merecer tanto não possa,
 Nem por mim ao que deuo satisfaça,
 Teu purissimo amor a tudo adoça,
 E tua misericordia a tudo abraça:
 Tu queres sempre a conuersação nossa,
 Amiga se a tua graça nos dá graça,
 Se o rico, ou pobre, ou alto, ou baixo pode
 Chamarte, o teu poder logo lhe acode.

62.

Tu vsas só Senhor tal piedade,
 Sò o remedio nos podes dar seguro,
 Tu altissimo Deus tanta humildade,
 Que com o seruo cõunicas baixo escuro:
 Tu que vestindo a nossa humanidade
 No ventre virginal, & sangue puro,
 Tu que por nós na Cruz o teu derramas,
 Té nos dar em comer tanto nos amas.

Canto III. Da creação do homem.

63.

Em tal extremo vendo a Fortaleza,
Vigilante, & solícita accodia
A todas partes a immortal princeza,
Sempre animando a toda a companhia:
Com quanto via já sua defeza,
Ser tão fraca deixala não quera,
Todo o remedio exquisito, & raro,
Busca em fim seu proueito sem reparo.

64.

Nesta vltima agonia afsi estando,
A desconfortadissima senhora,
Eu tambem triste asaz via sonbando,
Disforme hum velho feo vir defora:
Sumida a carne, os olhos só mostrando,
De corcomido rosto os olhos fora,
De espantosa, & terribel catadura,
Fraca a voz mas soberba, & com soltura:

Morte:

65.

O qual as mãos lançando descarnadas,
E torpes sobre este edificio enfermo,
Deulhe hum medonho abalo, & alteradas,
Tremendo as partes nelle fez graõ termo:
Traz isto com palauras muy pezadas,
A princeza falando disse, o termo
Final, & triste a tua hora he chegada,
Sayte já da caduca, & vam morada.

Ficon.

66.

Ficou sobrefaltada, & temerosa,
 A princeza com voz tão graue, & horrenda,
 Mas ainda assi lhe respondeo chorosa,
 Sperame algum tempo para emmenda
 Minha: & desta morada perigosa,
 E o prazo final mais se me estenda,
 Darey ordem que em tão triste partida,
 Não deixe a casa toda destroida.

67.

Graõ tempo ha já lhe replicou o velho,
 Que nesta Torre viues, & o tineste
 Para tudo ordenar com graõ conselho,
 Sabias isto bem mal o fizeste:
 A casa outro remedio outrem delho,
 E a ti o que nella estando mereceste,
 Não posso sperar mais vente comigo,
 Mais tenbo que fazer que aqui contigo.

68.

Isto disse apegando riyamente,
 Outra vez com mão dura, & crueza,
 Cabio toda por terra finalmente,
 Com grande terremoto a Fortaleza,
 Cabio com ella morta toda a gente,
 E a gram regente nella, & alta princeza,
 Dezapareceo com o velho a essa hora,
 Sem saber mais ninguem certo onde fora.

Canto III. Da criação do homem.

69.

Pois se ha de auer desagradoimento,
De tal merce amim, & a todos feita,
Se nisto não se achar merecimento,
Dentro em minba alma em que entrar aceita:
Se eu tiuer della algum esquecimento,
De mim se esqueça a minba mão direita,
E a minba lingua se apegue â garganta,
Se eu não louuar, & amar merce tão santa.



Protestação da Fè.

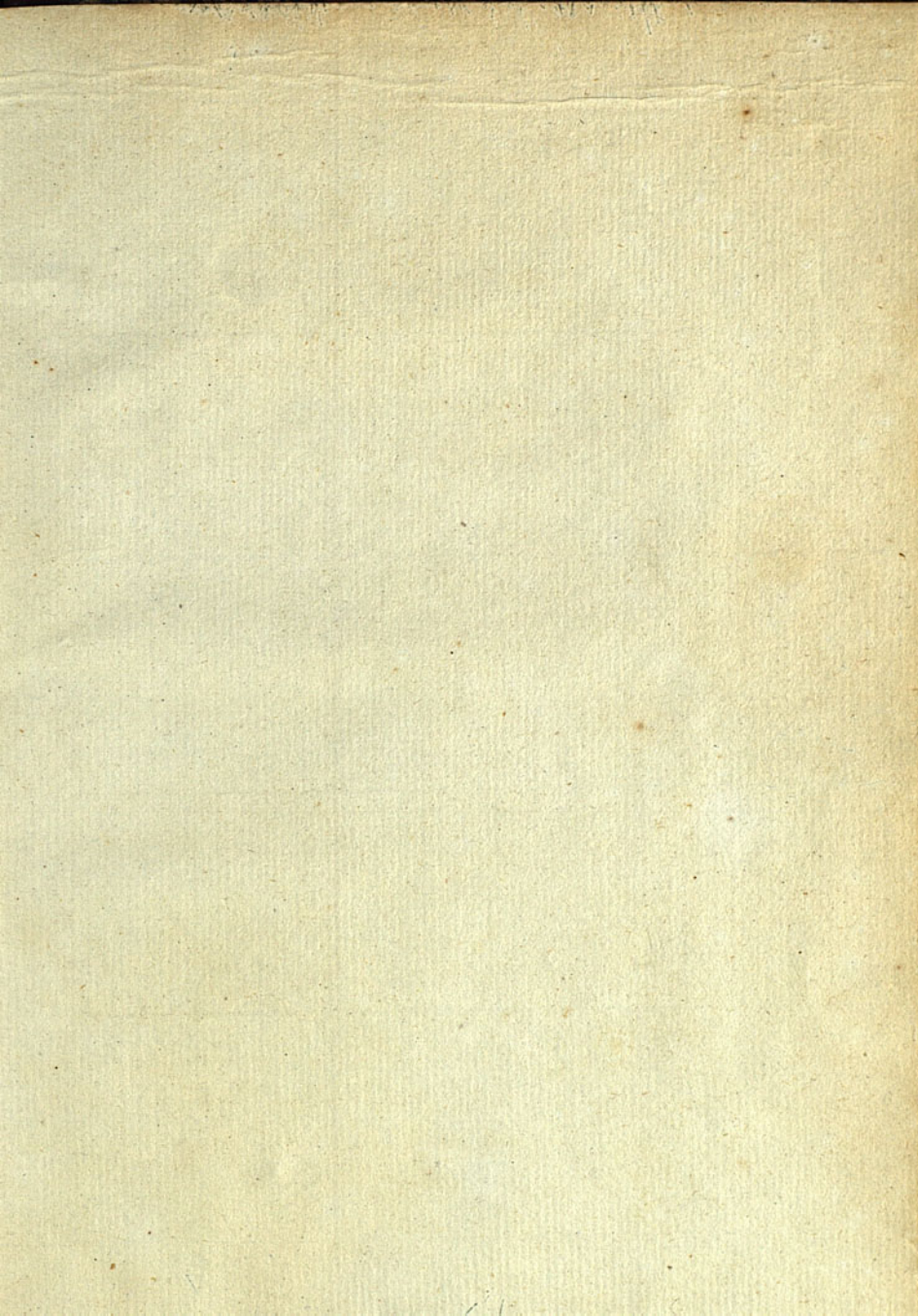
70.

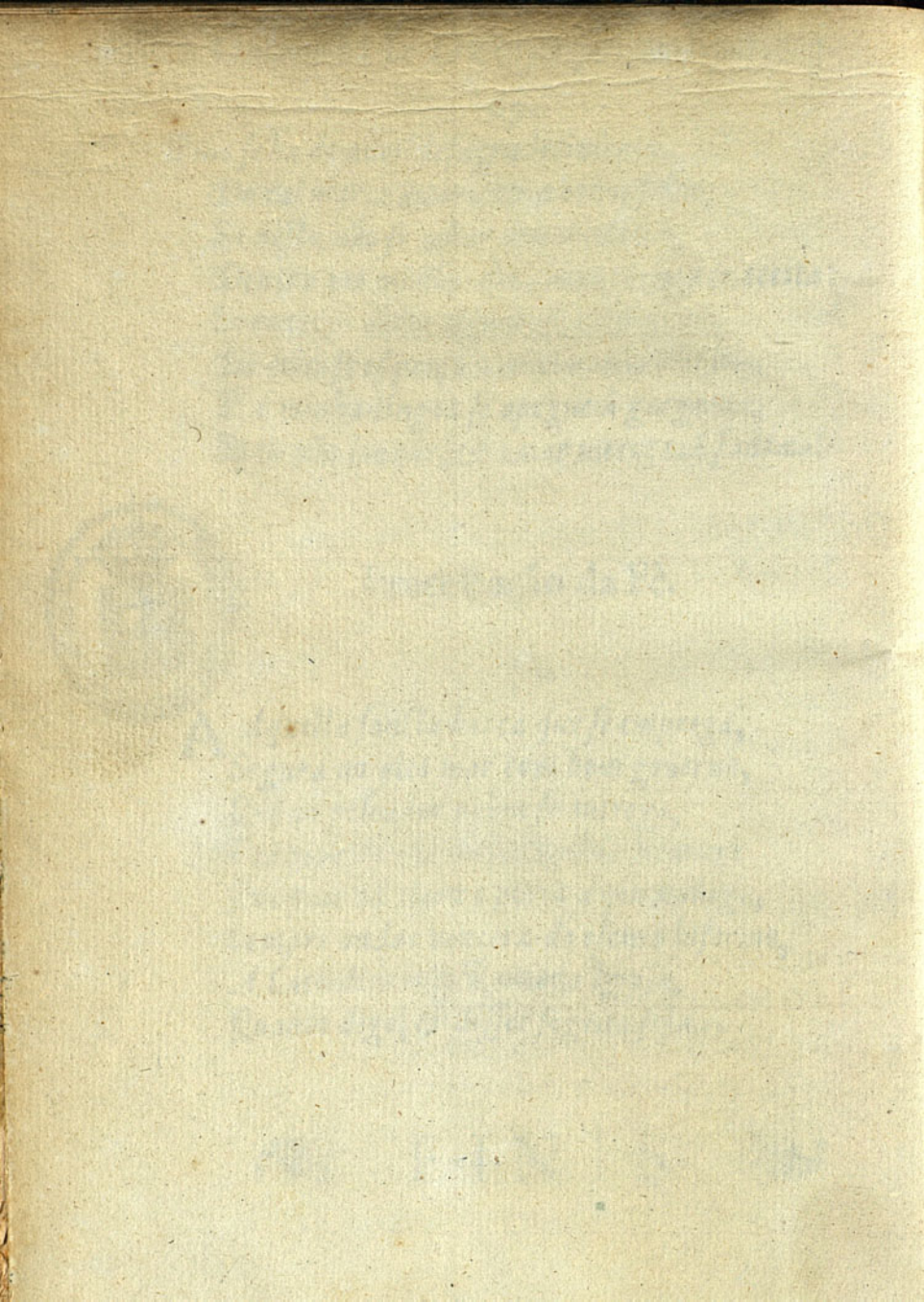
A Aquella sancta barca que se emprega,
Segura no alto mar com bom gouerno,
Que ao pescador pobre se entrega,
Por mão do vniuersal Senhor Eterno:
Que pois vê claro o porto a que nauega,
Sempre ondas vencera do escuro Inferno,
A Catholica mãy Romana Igreja,
Quanto digo, & disser sogeita seja.

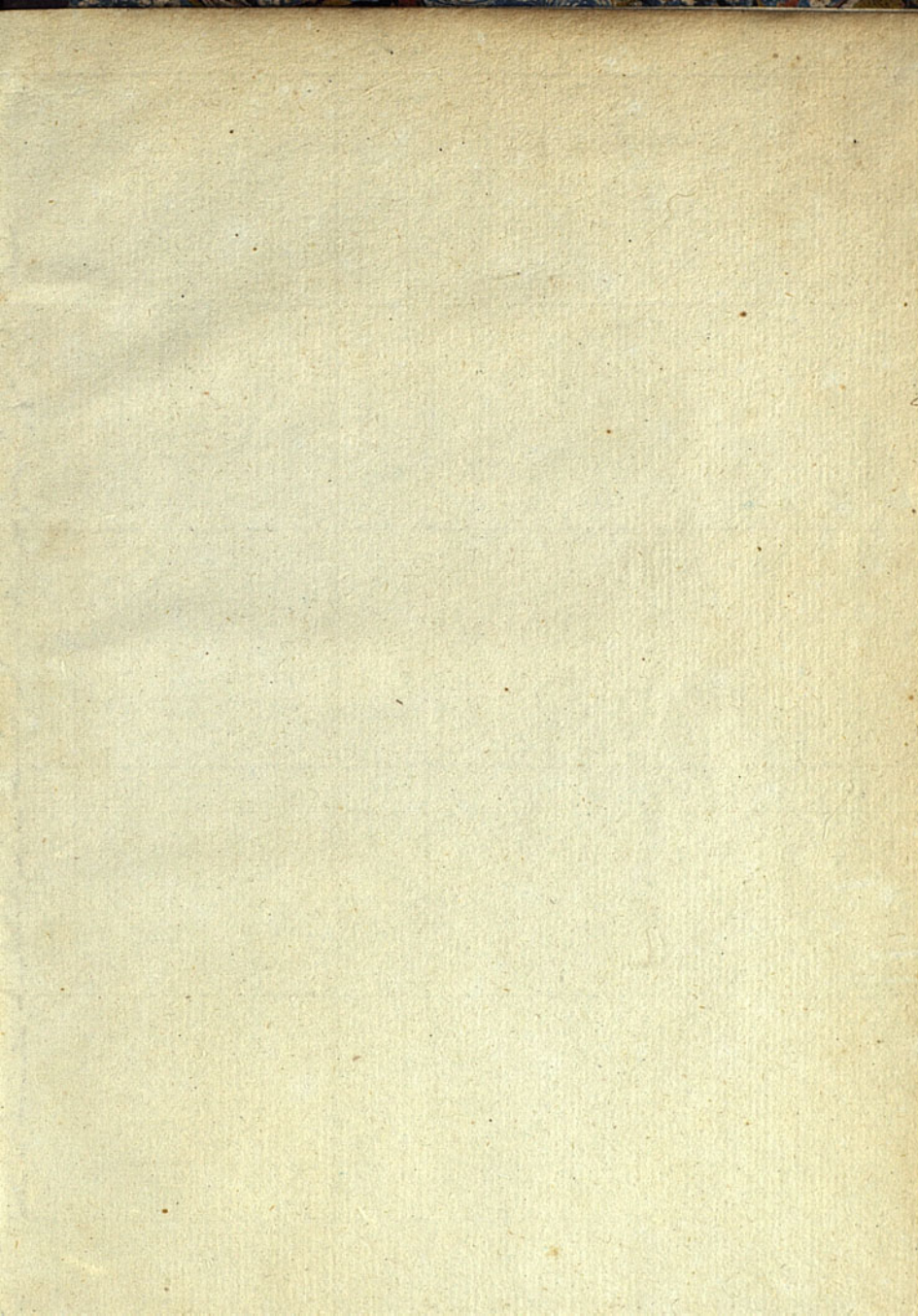


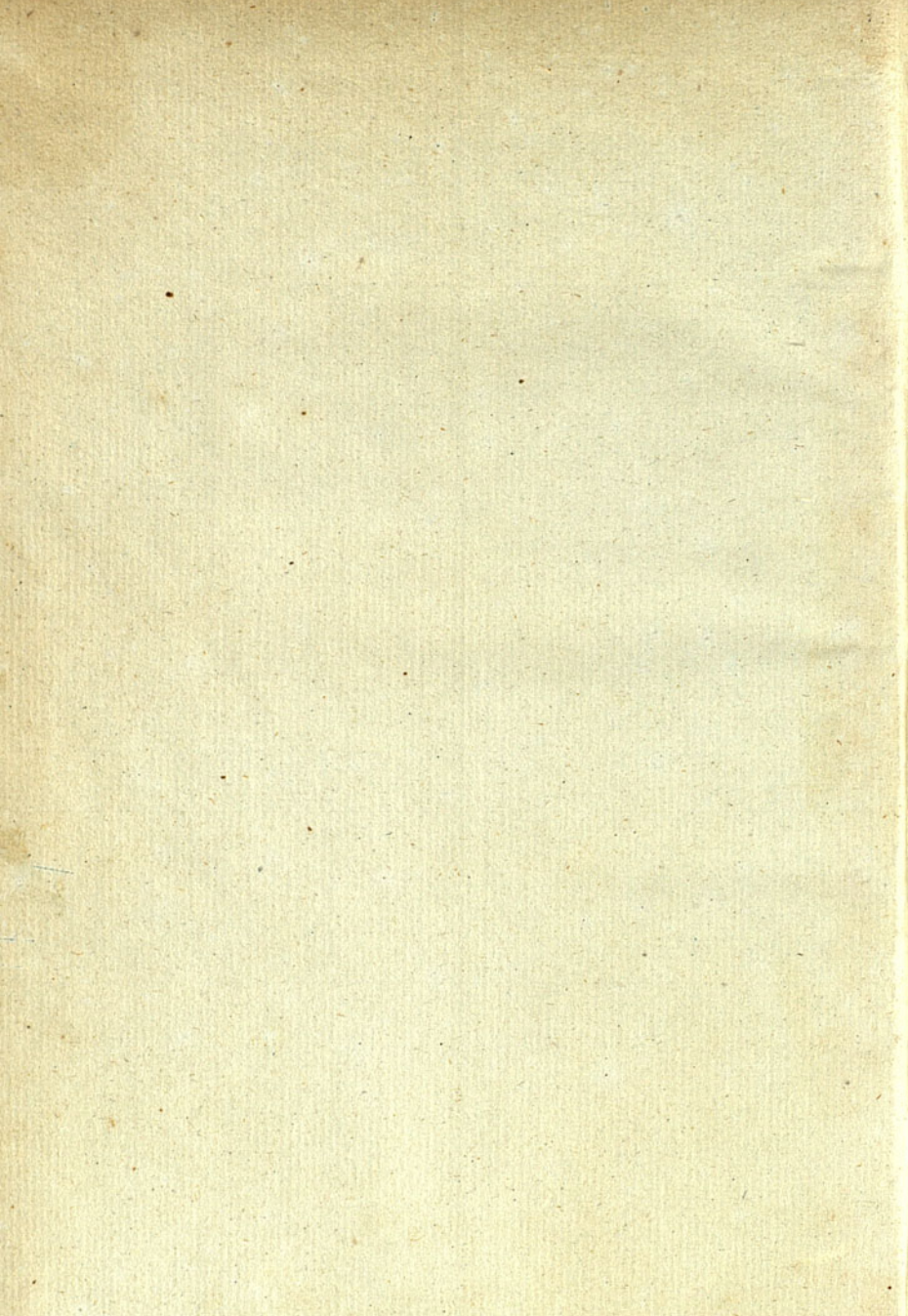
FINIS.











CAMONEANA

30

B. N. L.

